



WORLD LITERATURE: POR UMA HOSPITALIDADE COMPARADA

Larissa Moreira Fidalgo

Orientador: José Luís Jobim

Doutoranda

RESUMO: A questão que abordaremos no presente trabalho é, sobretudo, um posicionamento sobre o que significa fazer um estudo comparado num cenário marcado pela reemergência do fenômeno da world literature nos estudos literários. Uma vez que a perda do centro estável, para trazermos à baila o conceito derridiano, é uma condição inerente aos trabalhos da world literature, veremos que o debate não é bem sobre o que devemos fazer, mas sobre como podemos estabelecer uma visão verdadeiramente global e cosmopolita capaz de integrar diferentes perspectivas literárias e culturais. Interessa-nos, portanto, discutir de que maneira alguma literatura latino-americana ingressa não apenas na discussão teórica de uma ideia de literatura mundial, como também é representada nas duas mais bem sucedidas Antologias disponíveis no mercado. Assim, ao direcionarmos nossa atenção para a *Longman Anthology of World Literature* e para a *Norton Anthology of World Literature*, veremos como ambas ainda descrevem um sistema desigual de legitimação e de configuração estética calcado numa divisão eurocêntrica entre o “dentro” e o “fora”. E é justamente nas implicações éticas e políticas desse processo de “abertura” para o mundo que reside nossa proposta de abordagem da world literature. Ao invés de ser apenas um conjunto de textos provenientes de sistemas literários distintos - ou que circulam para além das suas fronteiras nacionais -, acreditamos que a world literature deve corresponder a um ethos de acolhida da alteridade, uma negociação entre o familiar e o estrangeiro, no sentido em que Jacques Derrida (2003) usa a ideia de “hospitalidade” para falar sobre o reconhecimento do Outro dentro de uma relação interativa e transversal.

PALAVRAS-CHAVE: *World literature*; Literatura Comparada.

Considerando que toda teorização constitui-se como um modo de ser histórico, uma reescrita, em que aparecem relações entre as formações discursivas e domínios não discursivos, como diria Foucault (2017), a questão que queremos abordar aqui se trata, sobretudo, de um posicionamento sobre o que significa fazer um estudo comparado num cenário marcado pela reemergência da *world literature*. Se levarmos a sério o aparente consenso entre aqueles que, na herança de um *close reading* americano, transferiram seu escritório para as salas de controle alfandegário, ansiosos pela descoberta dos novos textos a

circularem em seu território, poderíamos dizer que o debate não é bem sobre *o que* devemos fazer, mas *como*. E como todo pensamento que instala seu objeto dentro da mundanidade circundante, negando reduzi-lo à traduzibilidade pura e simples, é um pensamento que caminha em círculos, adiantamos que o discurso teórico que aqui começa a tomar corpo não nos conduzirá a um cenário acabado, mas a possibilidades de trocas, rastros e acasos que desafiam as dicotomias constituintes do jogo conceitual da *world literature*. Nesse viés, acreditamos que as considerações de Martin Heidegger (1989, p. 113) sobre a ocupação da obra literária refletem de alguma forma as bases de nossa reflexão:

Com a obra, portanto, não se dá ao encontro apenas um ente manual mas também entes que possuem o modo de ser do homem, para os quais o produto se acha à mão na ocupação. Junto com isso, vem ao encontro o mundo em que vivem os portadores e usuários, mundo que é, ao mesmo tempo, o nosso. A obra no horizonte de sua ocupação não é manuseada somente no mundo doméstico da oficina mas também no “mundo público”. Com ele, descobre-se a natureza do “mundo circundante” que, então, se torna acessível a qualquer um.

Assim como o literário desvela-se no caráter arbitrário de sua relação com o “mundo público”, nossa perspectiva responde a uma conjuntura específica dos estudos de *world literature*. Embora levemos em consideração o panorama dos estudos norte-americanos sobre essa questão, nossa abordagem situa-se na contramão dessa corrente por algumas razões. Como todo discurso carrega consigo as marcas de seu lócus de enunciação, a proposta de David Damrosch (2003) acerca a *world literature*, por exemplo, pode nos levar a caminhos um tanto tortuosos se decidirmos situá-la no contexto latino-americano¹. Afinal, como um texto insere-se efetivamente no contexto da literatura mundial? Como podemos caracterizar as relações estabelecidas entre os trabalhos da literatura mundial e as literaturas nacionais, que continuam em voga mesmo depois de Goethe ter anunciado sua absolescência? Estaríamos negociando um novo espaço de legitimação ou apenas identificando algumas das funções de uma economia textual existente em certos *corpora* literários? Antes de prosseguirmos no diálogo com Damrosch, duas breves observações são necessárias para situarmos nossa reflexão no contexto literário latino-americano.

Primeiro, pensemos na já conhecida dificuldade que enfrentamos na definição do que poderia ser a literatura latino-americana. Fora do ambiente acadêmico – para sermos otimistas

¹ Cf. Tânia Carvalhal. *O discurso crítico na América Latina*. Porto Alegre: IEL: Ed. da Unisinos, 1996.



–, esse rótulo é utilizado na maioria das vezes para fazer referência à literatura hispano-americana, ficando a produção do Brasil praticamente ausente desse quadro. Entretanto, sabemos que nada é tão simples como parece. Basta lembrarmos-nos da literatura “chicana”, das produções em língua francesa do Caribe e do Canadá e da literatura “indígena”, para ficarmos com poucos exemplos. Se indagássemos sobre qual espaço foi reservado para tais produções literárias, provavelmente receberíamos inúmeras respostas ainda situadas na ideia de limite – fixo e, portanto, totalizante.

A segunda observação é o resultado de uma análise quantitativa e bastante simples. Consideremos as duas principais antologias de *world literature*, a *Longman Anthology of World Literature*, publicada em 2004 e editada por Damrosch, e a *Norton Anthology of World Literature*. Ao listarmos os escritores da “literatura latino-americana” que compõem tais volumes, obtivemos os seguintes dados: na *Longman*, apenas quinze nomes conseguiram entrar para o seletorol da *world literature*, tais como Jorge Luis Borges, Octavio Paz, Alejo Carpentier, Pablo Neruda, Gabriel García Márquez, Domingo Sarmiento, Esteban Echeverría, Rubén Darío, Julio Cortázar, César Vallejo, Oswald de Andrade, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector e Derek Walcott; na *Norton*, tivemos Machado de Assis, Clarice Lispector, Aimé Césaire e Derek Walcott. Indo um pouco além, é interessante recuperarmos o prefácio do *Instructor’s manual to accompany The Longman Anthology of World Literature*² (2009), escrito por Damrosch e disponível online:

A distinctive feature of our Anthology is the grouping of works in Perspectives section, and as Resonances between texts. Together, these groupings are intended both to set works in cultural context and to link them across time and space. These groupings have a strategic pedagogical function as well. We have observed that in other anthologies, brief author listings rarely seem to get taught. Added with the laudable goal of increasing an anthology’s range and inclusiveness, the new materials too often get lost in the shuffle. Our groupings of works cluster shorter selections in ways that make them more likely to be taught, creating a critical mass of readings around a compelling literary or social issue and economically providing cultural context for the major works around them (DAMROSCH, 2009, p.xi-xii).

Nessa lógica hierarquizante de “Resonances between texts” ou de fontes e influências”, o que vemos é basicamente Aimé Césaire como parte de uma *resonance* de

² Disponível em: http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/7082/7252683/LAWL_V1_IM.pdf
Acesso em: 22/05/2018.

Shakespeare. Na *Norton*, por outro lado, a maioria do material relacionado à América Hispânica encontra-se agrupada em subseções como “The encounter of Europe and the New World” ou “Church, and Self”. No cenário contemporâneo marcado por intensos debates em torno do multiculturalismo e da globalização como podemos interpretar essas escolhas e abordagens? Talvez Edward Said já tenha nos ajudado nessa empreitada quando disse que:

os discursos universalizantes da Europa e Estados Unidos modernos, sem nenhuma exceção significativa, pressupõem o silêncio, voluntário ou não, do mundo não-europeu. Há incorporação; há inclusão; há domínio direto; há coerção. Mas muito raramente admite-se que o povo colonizado deve ser ouvido e suas idéias conhecidas (Said, 2005, p. 86).

Depois desse breve panorama de como a “literatura latino-americana” circula pelo universo da *world literature*, podemos recuperar algumas das definições propostas por Damrosch (2003) para pontuarmos seus limites e alcances. Compreendendo o fenômeno da globalização como uma rede de estruturas e territórios, em que o par local-global é “desconstruído”, o professor da Universidade de Columbia defende que a literatura mundial constitui-se, sobretudo, como um modo de circulação e de leitura, um modo que é aplicável tanto a obras individuais quanto a conjuntos de textos mais amplos temporal e geograficamente:

I take world literature to encompass all literary works that circulate beyond their culture of origin, either in translation or in their original language (...) In its most expansive sense, world literature could include any work that has ever reached beyond its home base (...) a work only has an *effective* life as world literature whenever, and wherever, it is actively present within a literary system beyond that of its original culture (DAMROSCH, 2003, p. 4).

Para Damrosch (2003), a teorização sobre tal dimensão implica, antes de mais nada, a consideração de dois aspectos fundamentais, que serão a base a partir da qual os pilares da (sua) literatura mundial serão erigidos. Segundo o pesquisador, esse conjunto de forças é resultado de um duplo processo: primeiro, um texto precisa ser lido como literatura; em segundo lugar, ele precisa circular em um mundo linguístico e cultural além do seu ponto de origem. Nessas condições de mobilidade, que são constituídas por interpretações simbólicas mediadas pelo paradigma da globalização e do cosmopolitismo – e de seus sistemas de trocas e transferências desiguais –, observamos que a participação de uma obra na esfera da literatura mundial será determinada pelo seu deslocamento ao longo de um ponto limiar ao outro ao longo de um dos seguintes eixos: literário ou o mundano. É nesse sentido que



Damrosch (2003) nos diz que a *world literature* pode ser considerada como uma janela que nos possibilita ver as mais diversas paisagens literárias disponíveis. Definição bastante poética, se esquecermos que nas duas Antologias mencionadas a visão que tivemos foi de uma imagem estancada da geopolítica latino-americana. Isso nos leva a perceber que todo processo de abertura para o mundo envolve seleção, organização e combinação dos elementos segundo critérios subjetivos. Caso optemos pela metáfora da “refração elíptica”, utilizada por Damrosch (2003, p. 130) para falar sobre a variedade de “networks of transmission and reception” estabelecidas pelos trabalhos de *world literature*, veremos, corroborando a perspectiva de Djelal Kadir (KADIR, 2004, p. 2), que pelo fato da figura geométrica da elipse ser desenhada com um compasso, “the inevitable issue is the locus where the fixed foot of the compass that describes the globalizing circumscription is place” (KADIR, 2004, p. 2). Ao invés de uma forma “of detached engagement with worlds beyond our own place and time” (DAMROSCH, 2003, p. 281), o que vemos é a instituição de uma divisão radical entre o “dentro” e o “fora”, entre aquilo que Derrida (1991) designaria como o “logos” e o “simulacro”. Nesse viés, o catálogo da história literária passa a ser redesenhado dentro um quadro muito restrito e reducionista do seu próprio objeto de estudo. De um lado, obras que alcançam voos mais curtos, do outro, um vasto aglomerado denominado *world literature*.

Obviamente, não se trata de negarmos as possibilidades transnacionais de trocas e intercâmbios culturais que, de uma forma ou de outra, são construídas pela *world literature*, mais especificamente no seu contexto atual. Trata-se, sobretudo, de olharmos com desconfiança para o mundo que é representado por essa disciplina, questionando o modo como tal re-a-presentação é construída. Se para Jacques Rancière (2009) há na base da política uma estética primeira, poderíamos inverter sua pressuposição e dizer que na base de toda estética há uma política primeira que não pode ser negligenciada. Isso significa dizer que no *mundo da world literature* não é apenas o corpo social que fala, mas o próprio discurso literário que, enquanto ser-histórico se constrói, reconstrói e nessa dinâmica ergue presente e futuro, retrazendo seu passado por uma dinâmica ininterrupta.

E é justamente a partir dessa perspectiva que chegamos a nossa proposta de abordagem da *world literature*. Assim como não há “singular ‘world’ per se but only a changing assemblage of localities that coalesces into globalities of many kinds, each situated by the transverse networks of languages, region, area, and moment that simultaneously shape a single text and like other” (COOPAN, 2012, local do Kindle: 5371), podemos dizer que



não existe *world literature* fora da Literatura Comparada. Longe de ser apenas um conjunto de textos provenientes de sistemas literários distintos, ou que circulam para além das suas fronteiras nacionais, acreditamos que a *world literature* deve corresponder a um *ethos* de acolhida da alteridade, no sentido em que Jacques Derrida (2003) usa a ideia de “hospitalidade” para falar sobre o reconhecimento do Outro dentro de uma relação interativa.

Falar da hospitalidade é falar antes de tudo falar do estrangeiro. “A questão do estrangeiro” Derrida (2003, p. 5) é uma questão que nos obriga a designar um conceito, a definir quem seja o estrangeiro. Isto é, a pensá-lo como um ser-em-questão. Além disso, o estrangeiro é também aquele que desconhece as leis e a língua e, por isso, não compartilha os códigos previamente estabelecidos. Por fim, o recém-chegado traz consigo uma questão que, ao ser colocada, ameaça a autoridade daquele que o recebe, o *logos* que conduziria o pensamento à verdade. O estrangeiro é, portanto, um parricida que questiona o valor da arckê e “que dispõe a temida questão” (DERRIDA, 2003, p. 11). É interessante percebermos que não é necessário *ser* estrangeiro para questionar a ordem, o parricida também é aquele se comporta *como* estrangeiro. Ao recuperar os diálogos de Platão, em *O Político*, Derrida nos faz ver que Sócrates desempenha o papel de estrangeiro que não é ao declarar, no Tribunal, que era alheio àquele tipo de discurso: “ele não sabe falar essa linguagem de pretória (...) ele não tem a técnica, ele é como um estrangeiro” (DERRIDA, 2003, p. 15).

Essa primeira passagem do texto de Derrida é bastante significativa para pensarmos a relação entre os sistemas literários abordados pela *world literature*. Uma vez que a relação entre os textos se dá através do questionamento de uma ordem estética logocêntrica, a crítica que chega não deve reduzir as obras à clausura da origem. Diante da perda de centro estável e das referências intertextuais agora ligeiramente borradas, as obras devem ser compreendidas a partir da multiplicidade de conceitos que evocam. Se o estrangeiro ao direcionar sua atenção para o hóspede também oferece uma possibilidade de compreensão do outro pelo outro, aquilo que antes fazia parte da especificidade de cada texto isoladamente agora impõe-se como marcas de legibilidade:

To become readable it has to be divided, to participate and belong. Then, it is divided and takes its part in the genre, the type, the context, meaning, etc. It loses itself to offer itself. Singularity is never one-off [ponctuelle], never closed like a point or a first [poing]. It is a mark [trait], a differential mark and different from itself: different with itself. Singularity differs from itself, it is differed [se diffère] so as to be what it is and to be repeated in its very singularity (DERRIDA, 1992, p. 68).

Retrocedendo à cena do Tribunal, observamos que o “estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever da hospitalidade”. A questão da hospitalidade não se relaciona apenas à possibilidade de coabitar o mesmo espaço, mas de se comunicar efetivamente em uma determinada língua. O acolhimento pressupõe que o estrangeiro se comunique na língua do espaço no qual está inserido. Entretanto, como questionado por Derrida (2003), em tal exigência não haveria um ato de violência? E caso o estrangeiro já compartilhasse a mesma língua, continuaria sendo ele um sujeito à margem da esfera social e política? Além da língua enquanto traço determinante para a livre circulação do *ksénos*, Derrida destaca que o direito à hospitalidade só é oferecido àqueles que possuem um nome, um estatuto social: “esse estrangeiro que tem direito à hospitalidade na tradição cosmopolítica (...), então, é alguém que, para que seja recebido, começa-se por querer saber seu nome; ele é levado a declinar e garantir sua identidade” (p. 25)

A experiência do luto, diretamente relacionada aos dois parágrafos anteriores, também tem papel importante para a definição do estrangeiro. Para Derrida (2003, p. 79), “a questão do estrangeiro concerne o que se passa da morte e quando o viajor repousa em terra estrangeira”. As pessoas “deslocadas”, os exilados, os desenraizados carregam em comum duas “nostalgias”. A primeira é o desejo de regressar aos lugares onde estão enterrados seus mortos, lugar de imobilidade a partir do qual se mede todas as viagens e os distanciamentos. A segunda é o reconhecimento da língua dita materna, como sua última pátria, última morada. Se a língua é a primeira e última condição de pertencimento, ela é também a experiência da expropriação. Nas palavras de Derrida, “a tal língua maternal, não seria ela uma espécie de segunda pele que carregamos, um *chez-soi*-móvel? Mas também um lar inamovível, já que se desloca conosco?” (DERRIDA, 2003, p. 81).

Dentro da *world literature*, a experiência de luto pela qual passa o estrangeiro –, para nós, os textos literários que circulam para além de suas fronteiras nacionais – nos serve de base para pensarmos, por fim, a categoria do “nacional” em tais estudos. Ao compreendermos o termo “nacional” como referência a um determinado conjunto étnico, observarmos que os objetos literários nunca se dissociam das marcas de seu lócus de enunciação, ainda que tais traços se tornem cada vez mais refratados à medida que interagem com outros espaços.



Nesse sentido, considerando que o regresso ao passado somente é assegurado pelos rastros da escrita e que a língua dos textos sofre constantes modificações conforme eles alcançam novos espaços, podemos dizer que abordar comparativamente os textos da *world literature* é, antes de tudo, estabelecer um jogo conceitual que elimine a ideia de “origem” e que se estabeleça historicamente. Da mesma forma que o estrangeiro observa de longe o lugar de imobilidade em que estão “enterrados seus mortos”, e aqui pensamos no “Anjo da História” de Walter Benjamin (2011), ler *world literature* é ler anacronicamente. Ao invés de buscar um sentido único e duradouramente possível, é fazer com que

cada movimento da significação não seja possível a não ser que cada elemento dito ‘presente’, que aparece sobre a cena da presença, se relacione com outra coisa que não ele mesmo, guardando em si a marca do elemento passado e deixando-se já moldar pela marca da sua relação com o elemento futuro, relacionando-se o rastro menos com aquilo a que se chama presente do que aquilo que se chama passado, e constituindo aquilo a que chamamos presente por intermédio dessa relação mesma com o que não é ele próprio: absolutamente não ele próprio, ou seja, nem mesmo um passado ou um futuro como presente modificados (DERRIDA, 1991, p. 45)

Desse modo, vemos que a relação que deve ser estabelecida entre os textos da *world literature* é antes de mais nada aquela que envolve a suspensão de dualismos hierárquicos e descentralização das ideologias tradicionais da noção de sujeito e que abre, portanto, a possibilidade de uma ética da leitura que desafia os condicionamentos que cercam a relação do leitor com a ideia de propriedade textual/ cultural. Se toda teorização encontra-se intimamente vinculada ao espaço no qual emerge, as intensas trocas culturais e literárias no chamado modernismo global conclamam, por fim, por uma atitude de revisão crítica acerca dos modos de pertença não exclusivos, por constantes diálogos entre diferentes espaços históricos e culturais.

REFERÊNCIAS:

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.
- COOPAN, Vilashini. “World literature between history and theory”. In. *The Routledge Companion to World Literature*. New York: Routledge, 2012. Edição do Kindle.
- DAMROSCH, David. *What is world literature?* New Jersey: Princeton University Press, 2003.



_____. *How to read world literature*. UK: Wiley-Blackwell, 2009.

_____. “General Editor’s Preface”. In: *Instructor’s Manual to accompany The Longman Anthology of World Literature*. Second edition. online.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

D’HAEN, Theo; DAMROSCH, David; KADIR, Djelal. *The Routledge Companion to World Literature*. New York: Routledge, 2012. Edição do Kindle.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1989..

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.

.